

Problemas da literatura infantil (1951), de Cecília Meireles:

entre tradição e invenção

Norma Sandra de Almeida Ferreira

Como citar: FERREIRA, N. S. A. Problemas da literatura infantil (1951), de Cecília Meireles: entre tradição e invenção. *In:* MORTATTI, M. R. L.; BERTOLETTI, E. N. M.; OLIVEIRA, F. R. (org.). **Clássicos brasileiros sobre literatura infantil (1943-1986)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.67-108. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-021-1.p67-108>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

2.

Problemas da literatura infantil (1951), de Cecília Meireles: entre tradição e invenção

Norma Sandra de Almeida Ferreira

Difícil escrever sobre Cecília Meireles (1901-1964) ou sobre suas obras, lidas em prosa e em verso, há décadas. Difícil escrever sobre a menina órfã criada pela avó materna, que se tornou mãe de três meninas, que teve dois casamentos e que residiu durante toda a sua vida na cidade do Rio de Janeiro, mas viajou “palestrando” pelo mundo. Professora primária e universitária, foi ainda tradutora e autora premiada no campo da literatura, intelectual envolvida com movimentos ligados à educação e à melhoria da escola para todos, além de jornalista que acreditava na responsabilidade educativa da imprensa e na repercussão que suas ideias teriam a partir desta atividade (SENA, 2010, p. 8).

Difícil trazer uma dessas “facetas” ou uma de suas obras, sem percorrer uma produção acadêmica a respeito delas, seriamente construída, disponível e debatida. Entre os que pautaram seus trabalhos em torno de Cecília Meireles, nas relações com os campos da educação e literatura infantil, destacamos: Mignot (2001), Lôbo (2002; 2010), Vieira (2013), Sena (2010), Pimenta (2001).

No levantamento bibliográfico empreendido em torno de Cecília Meireles e de suas obras, não encontramos trabalhos

dedicados especificamente ao livro *Problemas da Literatura infantil*. Ainda que citado por diferentes pesquisadores (LÔBO, 2010; SENA, 2010; PIMENTA, 2001, entre outros), as informações sobre esta obra são reincidentes em uma mesma e breve apresentação: ela é produto de uma série de conferências proferidas para professores mineiros, em 1949, e reunidas em livro para integrar a “Coleção Pedagógica” da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, em 1951.

Apenas Vieira (2013) dedica-se com maior fôlego à análise desta obra, no entanto, sua principal preocupação é compreender o projeto de educação para a infância pelo folclore, defendido especialmente nas crônicas e livros publicados por Cecília Meireles.

Assim, nossa provocação neste texto é explorar a obra *Problemas da literatura infantil* como objeto e fonte de pesquisa, em sua materialidade e em seu discurso. Pretendemos privilegiar, na análise da obra, as marcas em torno do debate acadêmico que ela ajuda a constituir na consolidação do gênero “literatura infantil”, tornando-se referência em importantes bibliografias de trabalhos científicos e livros que teorizam o campo ligado aos livros para crianças no Brasil.

Este artigo, em direção distinta dos demais trabalhos citados até aqui, privilegia no exame das edições desta obra, as partes externas que a emolduram, além do seu próprio conteúdo, no esforço de identificar e discutir a produção de sentidos e valores ligados ao campo da literatura infantil, da educação do jovem leitor, da biblioteca ideal para crianças. De cunho exploratório, à luz, principalmente, dos estudos da História Cultural (CHARTIER, 1990), este texto toma *Problemas da literatura infantil* em três

edições: a 1ª, de 1951, pela “Imprensa Oficial de Minas Gerais”; a 3ª, de 1979, pela “Summus Editorial”, e a 3ª, de 1984/5ª impressão de 2001, pela Editora “Nova Fronteira”.

O pioneirismo da obra *Problemas da literatura infantil*

Ao olharmos para *Literatura infantil brasileira*, de Leonardo Arroyo, publicada pela primeira vez em 1968 e considerada, na história da literatura infantil, como uma das precursoras nos estudos sobre o gênero, constatamos a carência de bibliografia neste campo, no Brasil, ainda na segunda metade dos anos 1960.

Arroyo (1968), no prefácio, datado de 1967, ao se referir às obras que tratam da história da literatura infantil, tal qual ele se propõe a fazer em seu livro, lembra que “dois ou três livros existentes abordam o tema em sua natureza mais geral, ou seja, a da literatura infantil como novo gênero literário [...]” (ARROYO, 1968, p. 17). Também destaca, em outras passagens de seu livro, que:

A literatura infantil brasileira tem sido, entre nós, considerada sempre um gênero menor do universo literário. Poucos autores a ela se referem com objetivos críticos e nesta lista honrosa poderíamos citar Cecília Meireles, Lourenço Filho³² e Fernando de Azevedo, além da poetisa Stela Leonardos, inclusive com pesquisas originais, como no caso de Lourenço Filho e Lenyra C. Fracarolli (ARROYO, 1968, p. 216).

³² Para conhecer a contribuição de Manoel Lourenço Filho na produção de uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil e juvenil, consultar Bertoletti (2012).

São poucos, originais e sérios os trabalhos de crítica, história e teorização desse gênero³³ e todos os seus autores são educadores, inclusive Cecília Meireles. Estaria Arroyo (1968) sugerindo que a “origem” do interesse pela literatura infantil se manifesta, predominantemente, nas esferas ligadas à educação?³⁴

Em outra referência a *Problemas da literatura infantil*, Arroyo (1968, p.17) apresenta sua autora como a “grande poetisa”³⁵, deixando de mencionar o papel dela como “autoridade” nos assuntos da educação e como autora de literatura infantil, de que é exemplo a obra *Ou isto ou Aquilo*, considerada por ele próprio como uma obra prima da poesia moderna para crianças” (ARROYO, 1968, p. 219). Será que, nesse caso, para Arroyo (1968), a faceta literária se sobrepôs à de educadora, como indício de uma visão que prestigia e legitima o lugar - letras e arte – de onde se (deve) produzir a crítica à literatura infantil?³⁶

Segundo Arroyo (1968, p. 17), no conjunto dessas isoladas e originais pesquisas, com o objetivo de delinear a história e crítica da literatura infantil brasileira, é exceção “[...] o pequeno volume,

³³A obra *Compêndio da literatura infantil*, de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, publicada em 1959, é anterior a de Arroyo (1968). A ela, há várias referências, ao longo de seu livro. No entanto, talvez, por ser entendida, por Arroyo, como espécie de livro didático para uso em Cursos Normais e por ser uma publicação muito próxima a sua, ele não a tenha considerado uma pioneira nesses **estudos teóricos e críticos sobre o gênero** (grifo nosso). Para conhecimento sobre a importância da obra de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, na teorização sobre o ensino da literatura infantil, ver Oliveira (2013).

³⁴ De fato, os estudiosos citados são, em sua maioria, educadores (com exceção da poetisa Stela Leonardos), especialmente ligados ao movimento da Escola Nova.

³⁵ A data do prefácio do livro de Arroyo é de 1967 e, como sabemos, Cecília Meireles já poderia ser nomeada como a “grande poetisa”, pois já fora premiada pela Academia Brasileira de Letras pelo seu livro *Viagens* (1939) e com o “Machado de Assis” (1965), *post-mortem*, pelo conjunto de sua obra.

³⁶ Um lugar de “origem” dos estudos sobre o gênero, sempre oscilante e em tensão entre as áreas de letras e educação (MORTATTI, 2013), como também o é a respeito do aparecimento e da constituição desse gênero, segundo Mortatti (2000) e Lajolo e Zilberman (1988), entre outros.

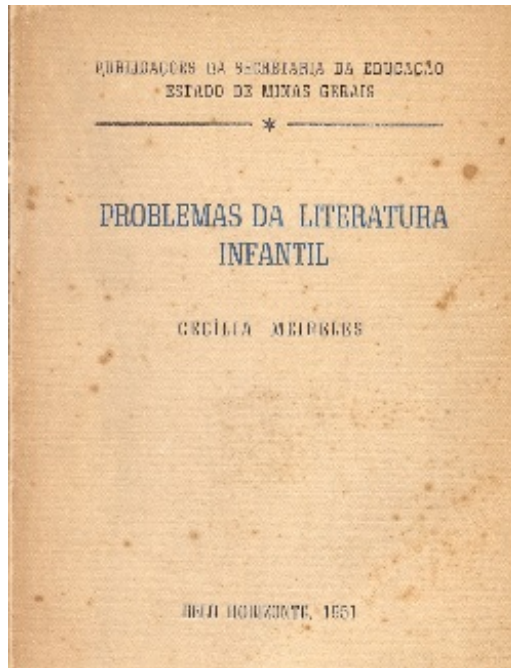
entretanto hoje raro e que, por isso mesmo, muito pouca gente conhece”; “[...] o pequeno mas substancial livrinho de Cecília Meireles *Problemas da Literatura infantil*, de 1951.” (ARROYO, 1968, p. 211).

Todas essas referências feitas por Arroyo (1968) nos ajudam a compor um estatuto de seriedade e pioneirismo atribuído a *Problemas da literatura infantil*, além de nos indicar aspectos de sua primeira edição, ligados à sua materialidade e ao circuito previsto para sua circulação como: “pequeno volume”, que “muito pouca gente conhece”, que é “hoje raro” (ARROYO, 1968, p.17), “um livrinho” (ARROYO, 1968, p. 211).

Primeira edição de *Problemas da Literatura Infantil*

É verdade que a primeira edição de *Problemas da Literatura infantil*, de Cecília Meireles, é um pequeno exemplar (18 cm x 13,5 cm) se comparado às demais edições que o sucederam. Editada pela “Imprensa Oficial de Minas Gerais” para ser o nº 8 da “Coleção Pedagógica”, como podemos ver (em vermelho) no verso da 2ª folha, o exemplar parece ser uma encadernação “caseira” das “três conferências proferidas em Belo Horizonte, no Curso de Férias promovido pela Secretaria de Educação, em janeiro de 1949, sobre Literatura Infantil” (MEIRELES, 1951, p. 21).

Figura 1
Capa de *Problemas da literatura infantil* (1951)



Fonte: Acervo da autora

Uma publicação “que muitos poucos viram” (ARROYO, 1968), o que a terceira edição da Summus reforça, em 1979, em texto escrito na quarta capa: “[...] a Summus reedita este trabalho de Cecília Meireles, publicado em 1951, com pequena tiragem e, por isso mesmo, merecedor de divulgação mais ampla”.

Realmente uma publicação singela, que de acordo com Arroyo (1968) e com o texto da quarta capa da edição de 1979, tinha uma destinação menos comercial, com pequena tiragem, direcio-

nada a um público específico, o que se pode perceber pelo órgão que a financia e que promove sua publicação.

Sem qualquer ilustração (na capa e no interior da obra) ou a presença de textos na quarta capa e orelhas do livro, esse projeto gráfico não parece ser apressado e mal acabado. Provavelmente ele acompanhe a estética dos demais números da “Coleção Pedagógica”, também publicações da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais.

Um projeto gráfico que prima por um jogo simples, feito pelo uso de diferentes tamanhos de letras e alternância entre as cores preto e vermelho, na capa, na página de rosto, nos títulos dos capítulos, nas letras capitulares. Trata-se de uma edição com uma boa diagramação, do ponto de vista da legibilidade e clareza das informações e da disposição dos textos impressos em suas folhas.

Os títulos do prefácio, da apresentação da obra e dos capítulos vêm sempre em página que antecede o início dos textos, no alto da folha, impressos em vermelho. Cada texto/capítulo, impresso em preto, se inicia na página seguinte, com apenas a letra capítular em vermelho. Revela esmero e cuidado, o que parece indicar uma preocupação com o conteúdo, a circular no ambiente escolar e tendo como leitor pressuposto os professores do estado de Minas Gerais. Um tipo de disposição dos textos e diagramação garantidos também nas demais edições da obra (Summus, 1979; Nova Fronteira, 1984).

Nesta primeira edição (1951) e nas demais (MEIRELES, 1979; 2001) temos o mesmo índice/sumário (nas duas últimas, ele se desloca para as páginas iniciais), disposto em 19 capítulos,

seguidos da numeração da página que eles iniciam. O índice permite ao leitor, assim, consultar ou ler a obra de acordo com a temática de seu interesse e necessidade. Um livro para uma leitura fragmentada, de estudo, de ida e volta, em diferentes momentos da vida?

Uma estratégia editorial que põe em questão a informação dada pela própria autora na “Explicação Prévia” da obra (MEIRELES, 1951, p. 21): “[...] Solicitada para dar forma escrita a estas palestras [três conferências], preferiu a autora refundi-las, aproveitando a oportunidade para desenvolver alguns pontos que apenas havia aflorado na exposição oral, e multiplicar exemplos, para maior nitidez de certas alusões”.

A escrita do conteúdo das três conferências originalmente produzidas em condições de comunicação oral, em um evento para professores em curso de formação, permitiu-lhe a oportunidade de “refundi-las”, o que não corresponde aos títulos da obra. E Meireles complementa: “Assim, se o espírito daquelas conferências permanece o mesmo, a disposição da matéria conformou-se à apresentação escrita, embora, tanto quanto possível, fiel ao próprio desenvolvimento oral” (MEIRELES, 1951, p. 21).

Quando é que essas três conferências foram transpostas para 19 capítulos, com títulos distintos para cada um deles? Que títulos teriam as conferências “originais”? Quem fez esta disposição em capítulos de quatro a seis páginas? Onde começa e termina cada uma dessas três conferências? Perguntas que não conseguimos responder, apesar de nosso esforço em busca de continuidades ou rupturas entre um capítulo e outro.

O prefácio do Prof. Abgar Renault³⁷, também presente nas três edições: 1951 (p. 9-15); 1979 (11-13) e 1984 (7-10), indicia uma preocupação dos editores em oferecer aos leitores uma apreciação da obra por um homem público, educador reconhecido na história da educação, agregando ao livro a escrita de sua história e dos homens que dela participaram em determinado tempo. Estratégia editorial bastante comum em publicações de livros.

Neste prefácio, o autor enaltece a poetisa, escritora e professora Cecília Meireles como “fulgurante expressão da cultura contemporânea, que agrega em seu espírito a flor da sensibilidade, o tacto no escolher e no escrever, o conhecimento da matéria até às raízes e, last but not least, a graça poética [...]” (RENAULT, 1951, p. 9).

Alia, assim, a figura da educadora à da poetisa que atendeu ao convite da Secretaria da Educação de Minas Gerais para:

[...] realizar trabalho de esclarecimento, colaborando a efeito de recalcar a plano ínfimo a baixa qualidade da literatura que, em geral, se põe ao alcance das crianças em nosso país, até fazer com que deixe de existir. [...] o magistério mineiro encontrará nesta obra de valor inestimável da Coleção Pedagógica motivos para deleite do seu espírito, meditação, enriquecimento cultural e complementação dos seus instrumentos técnicos (RENAULT, 1951, p.10-14).

³⁷ Abgar de Castro Araújo Renault, educador e escritor brasileiro (Barcelona, MG, 1908). Professor do Colégio Pedro II e da Universidade do Brasil, secretário de Educação do Estado de Minas Gerais, ministro da Educação e Cultura. Tradutor de poesia inglesa, também publicou estudos sobre a crise do ensino secundário, as missões da universidade, história e psicologia da língua inglesa. Foi membro da Academia Brasileira de Letras (1969). (*Enciclopédia Larousse Cultural – Brasil A/Z*. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 695). Também foi signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1959).

Portanto, as conferências de Cecília Meireles fazem parte de um programa político, na educação, com o propósito de esclarecer, enriquecer e complementar o conhecimento dos professores, do ponto de vista técnico e profissional. Nesse caso, estes professores são convidados a refletir e buscar esclarecimentos sobre a existência de um problema: a abundância de livros de má qualidade para crianças, à disposição no mercado, problema este que é por diversas vezes citado por Cecília Meireles em *Problemas da literatura infantil* (1951).

Renault (1951, p. 11), ainda neste prefácio, ressalta a importância de esclarecer para disparar um amplo movimento de editoras, escolas, poderes públicos: “[...] em favor da publicação de livros dignos das nossas crianças, tão dignos delas, em virtude de sua beleza material e de sua beleza literária, que a falsa literatura infantil baixe e se recolha, afinal, a plano apropriado ao seu desaparecimento”.

Elogiando Cecília Meireles pela sua capacidade de examinar e discutir com agudeza a produção de sua época, produção esta que mutilaria a personalidade infantil, o prefaciador ressalta uma nova concepção de criança que deve orientar a criação dos contos: “[...] o material de teor excelente para as criações da criança, que por meio delas, [...] se constroi a si mesma” (RENAULT, 1951, p.13).

Diferentemente dos textos apresentados na obra publicada décadas mais tarde pela Nova Fronteira (1984), o prefácio de Renault (1951), assim como o de Ruth Rocha que acompanha a publicação de 1979, ressaltam tanto o estilo, a linguagem e a sensibilidade decorrentes da “face” poética da autora, quanto a sua contribuição crítica e teórica na abordagem dos aspectos ligados à

literatura infantil, orientada por sua visão de educadora. Parece oferecer legitimidade, tanto à literatura quanto à educação, como lugares para a produção crítica sobre a literatura infantil.

A “Explicação Prévia”, texto assinado por Cecília Meireles e datado de 1951, apresenta as condições de produção da primeira edição de *Problemas da literatura infantil* (IMPrensa OFICIAL, 1951, p. 21-22), tendo sido reproduzido também nas outras duas publicações, a da Summus (1979, p.15) e a da Nova Fronteira (1984, p.15-16). Neste texto curto, tamanho relativo a uma página, a autora discorre sobre quando, onde e por que ele fora produzido oralmente. Destaca que, na forma escrita, ele ganhara uma nova disposição e apresentação, mas que a finalidade continuava a mesma: “[...] insistir sobre a sua [da literatura infantil] importância e alguns dos seus variados aspectos” (MEIRELES, 1951, p. 21). A autora finaliza o texto expressando sua aspiração de concretizar a “[...] organização mundial de uma Biblioteca Infantil” que aparelhasse “[...] a infância de todos os países para uma unificação de cultura. [...] Na esperança de que, se tôdas as crianças se entendessem, talvez, os homens não se hostilizassem” (MEIRELES, 1951, p. 22).

São intenções e aspirações que orientam também o discurso promovido pela autora ao longo dos diferentes capítulos da obra e também em seus projetos políticos com a leitura, literatura, folclore. O conceito de “humanismo”, para Cecília Meireles, aproxima tempos e países, permitindo o convívio fraterno e harmonioso entre os homens, além de justificar uma educação da criança por uma literatura infantil universal. Mas, em tom pouco otimista, ela o traduz como apenas “[...] uma aspiração, nestas páginas. Fora do

outono certo, nem as aspirações amadurecem” (MEIRELES, 1951, p. 22).

Talvez em outros “outonos”, no final dos anos 1970, o reconhecimento da importância dessa obra, assim como da atualidade e vigor de suas ideias, justifique o interesse de uma editora “mais comercial” por ela, depois de quase trinta anos de sua primeira publicação.

A edição de *Problemas da literatura infantil*, pela Summus

Figura 2

Capa da frente de *Problemas da literatura infantil* (1979)



Fonte: Acervo da autora

A terceira edição da Summus Editorial, de 1979³⁸, tem um projeto editorial mais “comercial” e mais “chamativo” do que o da primeira edição. Sua capa, em papel resistente e acetinado, é ilustrada e tem tom predominantemente azul. Trata-se de uma criação de Edith Derdyk³⁹ (1979, p. 3) e sugere a movimentação de duas “crianças” em torno de pedaços de folhas de papel com letras impressas, que caem do alto. Na quarta capa, dois homens, espécie de caricatura, parecem conversar, trocar ideias animadamente.

Imagens em cores que se sobrepõem e se alternam com as informações sobre título, autora, edição e editora, como estratégia orientada pela representação do gosto estético dos leitores que se quer alcançar e que é diferente em tempos distintos.

Como na primeira edição da Imprensa Oficial, a obra continua podendo ser identificada como um volume pequeno pela quantidade de páginas (cento e vinte), e como uma edição modesta pela ausência de ilustração e de alternância de cor de tinta nos textos. Predomina a tinta preta, sem qualquer recurso visual ou estético, em uma diagramação que segue a da primeira edição: títulos dos

³⁸ Embora, eu tenha entrado em contato – por telefone e e-mail, em janeiro de 2015 - com o Grupo Summus tentando obter informações sobre as edições desta obra, não houve resposta até a conclusão do presente texto. Presume-se pelo prefácio desta publicação, assinado por Ruth Rocha, que a primeira edição tenha sido feita no final da década de 70, do séc. XX, pois assim a prefaciadora coloca: “[...] publicado pela primeira vez em 1951 [...] Quase 30 anos se passaram. (ROCHA, 1979, p. 9).

³⁹ Edith Derdyk fez o curso de Licenciatura em Artes Plásticas pela FAAP (1977/1980). Realizou inúmeros trabalhos gráficos como capas de livro, capas de disco e ilustrações. Escreveu livros infantis e teóricos sobre desenho da figura humana. Tem participado de exposições coletivas e individuais desde 1981 no Brasil e no exterior. Fonte: <http://www.galeriavirgilio.com.br/artistas/ederdyk/curriculum.html>, acesso 10 jan. 2015. Em consulta a outras obras desta Coleção, constatamos que ela foi responsável pela criação de todas as capas.

capítulos, dispostos no alto da página, antecedem os textos em folhas distintas.

No entanto, diferentemente da edição anterior, esta traz outras estratégias editoriais previstas para uma maior circulação e à espera de um outro público leitor: a presença de uma ficha catalográfica, a apresentação da Coleção “Novas Buscas em Educação”, a lista dos volumes já publicados nessa mesma coleção, o prefácio assinado por Ruth Rocha e um texto na quarta capa. Além destes textos, esta edição acrescenta o prefácio de Abgar Renault, a “Explicação Prévia”, de Cecília Meireles e, no final do livro, uma breve biografia da autora. Quanto ao índice, foi deslocado para as primeiras páginas do livro, do mesmo modo que na publicação da Nova Fronteira (1984).

Inserida como o 3º volume da Coleção intitulada “Novas Buscas em Educação”, coordenada por Fanny Abramovich, essa edição de *Problemas da literatura infantil*, da Summus, é uma iniciativa em parceria com órgãos públicos (Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura), e tal como a primeira edição, vem financiada por um órgão público, fazendo parte de uma coleção destinada aos professores.

Trata-se de uma iniciativa do Instituto Nacional do Livro, que ao longo dos anos 1970, promoveu edições conveniadas com editoras, de caráter de estudo, visando à formação dos professores, como podemos inferir pela informação na quarta capa da 3ª edição da Summus (1979): “Este livro foi editado em convênio com o INL/MEC, que reservou uma parte da tiragem para distribuição a sua rede de bibliotecas públicas em todo o território nacional”.

Segundo o texto que apresenta a Coleção, esta pretende repensar velhos problemas, novas dúvidas, preocupações não resolvidas, colaborando com todos aqueles envolvidos em educação, sobretudo os professores. É uma coleção preocupada com um aluno inquieto e participante, com uma escola aberta e viva, posta no mundo que chega ao século XXI (MEIRELES, 1979, p. 5). São publicações com intenções muito próximas às da primeira edição de *Problemas da literatura infantil*.

Organizadas em coleções, assinadas por educadores reconhecidos no campo, elas têm o papel de fomentar determinadas temáticas, concepções e práticas pedagógicas ligadas a momentos de reformas culturais e educacionais. Funcionam como um instrumento de reforma cultural e tornam-se um empreendimento comercial lucrativo (GEBRIM, 2007), com a intenção de conquistar um leitor (professor, aluno universitário) facilmente identificado como “carente” em sua formação e necessitado de atualização.

A opção de Abramovich em incluir Cecília Meireles como o(a) primeiro(a) pensador(a) brasileiro(a)⁴⁰ a fazer parte desta Coleção e a escolha por uma obra que tematiza a “literatura infantil” quase trinta anos depois de sua primeira edição, podem ser indícios da importância e atualidade que suas reflexões ainda apresentavam no final dos anos 1970.

Tanto o texto publicado na quarta capa (MEIRELES, 1979), quanto o prefácio escrito por Ruth Rocha⁴¹ (1979), apontam

⁴⁰ Além de *Problemas da Literatura infantil*, de Cecília Meireles, os dois outros livros são de autores estrangeiros: *Linguagem Total*, de Francisco Gutiérrez e *O jogo Dramático Infantil*, de Peter Slade (MEIRELES, 1979, p. 6).

⁴¹ Ruth Rocha tem uma produção vastíssima voltada para as crianças, com inúmeras edições e volume de exemplares, sendo reconhecida pela crítica como uma das escritoras inovadoras no gênero, que

para um cenário a respeito da produção crítica, teórica e histórica da literatura infantil que se distancia das apreciações apresentadas anteriormente por Arroyo (1968).

Nos finais dos anos 70, do século XX, podemos ler nesses textos, que há abundância de livros para crianças, assim como muita pesquisa e escrita sobre literatura infantil - estudos universitários e críticos em revistas especializadas, levantamentos bibliográficos ou históricos – o que contribui para a divulgação e valorização da literatura infantil no nosso país.

Neste prefácio, Ruth Rocha também informa aspectos de produção da obra e apresenta uma breve biografia da autora como educadora, professora, tradutora, jornalista etc., destacando a importância deste livro para todos aqueles que se interessam não só por Literatura, mas principalmente por Educação [...] (ROCHA, 1979, p. 9). Como Renault (1951), para Ruth Rocha a obra é legítima e importante porque escrita por uma autoridade na educação e na literatura. Seria uma visão da interdisciplinaridade que há neste campo? Seria uma estratégia de prestígio da obra pelo reconhecimento da autora nesses dois lugares – arte e educação?

Tal qual a primeira publicação (1951), a reedição dessa obra pela Summus vem em tempos de crença no poder da educação (pós-ditadura) para a transformação da sociedade⁴². Há um clima “propício” à discussão sobre qualidade da educação, o papel da

alcançou um *boom*, na década de 1980. Ver: *A obra de Ruth Rocha: as ideias por trás das letras* (DAIBELLO, 2013).

⁴²Como sabemos, no final dos anos 1970, o país vive a “abertura lenta, gradual e segura”, uma “transição para a democracia”, período imposto pelos militares como resposta às pressões da sociedade contra a ditadura instalada em 1964.

escola, a importância da alfabetização e leitura para todos, clima este impulsionado e alimentado pelo retorno ao país de muitos exilados (intelectuais de esquerda e políticos), e pela “consciência” da crise enfrentada pela leitura, atribuída ao baixo nível e à má qualidade dos materiais de leitura oferecidos aos jovens, especialmente àqueles que frequentam os bancos escolares.

Os anos 1970 também podem ser vistos como favoráveis à criação de entidades e à promoção de eventos – como, por exemplo, o Congresso de Leitura do Brasil (1978), a Associação dos Professores de Língua e Literatura (1979), a Academia Brasileira de Literatura infantil e Juvenil (1979), entre outros – que promovem o debate em torno do incentivo à leitura e à formação do leitor de literatura, juntamente com a Fundação do Livro Escolar (1966) e a Fundação nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968).

Também nos finais dos anos 1970 e na década de 1980, assistimos à significativa ampliação da produção de livros de literatura infantil, com o surgimento de vários novos autores e com a incorporação de outros já consagrados pela crítica literária. Segundo Lajolo e Zilberman (1988), na década de 1970 a produção literária infantil conta com inúmeros autores e títulos, superando em muito os 605 trabalhos que Lourenço Filho registra no balanço que faz, em 1943, da literatura infantil de seu tempo (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988).

A 3ª. edição de *Problemas da literatura infantil*, pela Summus, parece inserir-se neste clima, em que estudos acadêmicos se voltam para este gênero, à medida que ele se avoluma e se diversifica no mercado editorial. O carimbo impresso na página que fecha meu exemplar traz o número “6381” (MEIRELES, 1979, p.

120), o que parece indicar que esta edição teve, no mínimo, uma quantidade maior do que seis mil exemplares. Considerando não ser esta a primeira edição, a obra parece ter tido uma ampla aceitação do público leitor, com um significativo volume de publicação impulsionado pela importância dada à obra pelos editores e pelo governo.

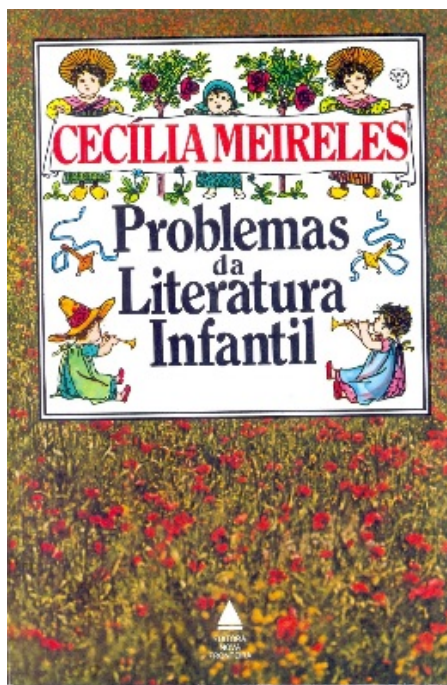
De fato, os anos seguintes, na década de 1980, são promissores em termos de publicação de estudos sobre a literatura infantil, atendendo um gênero que parece ter alçado um estatuto mais qualificado entre a crítica e um público que necessita de informações sobre ele. Ao consultar bibliografias de obras de caráter crítico sobre o gênero, facilmente constatamos que, aparecem, neste período, ao lado da obra de Cecília Meireles, outros estudos, como: *A literatura infantil na escola*, de Regina Zilberman, pela Global, 1981; *Literatura infantil- visão histórica e crítica* de Bárbara Carvalho, pela Global, 1984 [4ª. ed.]; *A literatura infantil- história, teoria- análise*, em 1981, e *Dicionário Crítico sobre literatura infantil e juvenil*, em 1983, ambas publicações de Nelly Novaes Coelho, pela Quirón; *Literatura infantil: teoria e prática*, de Maria Antonieta Antunes Cunha, pela Ática (1986); *O texto sedutor na literatura infantil*, de Edmir Perroti, pela Ícone, 1986; *Literatura infantil, gostosuras e bobices*, de Fanny Abramovich, pela Scipione, 1989.

A edição de *Problemas da literatura infantil*, pela Nova Fronteira

A 5ª impressão (2001) da 3ª edição (1984), da Editora Nova Fronteira, é totalmente distinta das demais anteriormente comentadas, do ponto de vista do projeto editorial. Exclusivamente

comercial, esta edição traz certa “sofisticação” de recursos editoriais: o papel acetinado da capa, a textura branca das folhas, um maior espaço em branco entre os capítulos - o que aumenta a quantidade de páginas (cento e sessenta) etc.

Figura 3
Capa de *Problemas da literatura infantil* (1984)



Fonte: Acervo da autora

Desde a publicação pela Summus, o livro já aumentara de tamanho em relação à primeira edição (21 X 14 cm) e recebera título e nome da autora na lombada da obra. A partir das edições pela Nova Fronteira (1984), a obra ganha mais colorido e ilustrações.

O título que inclui “literatura infantil” parece contaminar a criação da capa de Victor Burton⁴³. Nela, um campo de flores rasteiras e vermelhas se esparramam por toda a parte da frente. Em destaque, um quadro branco mostra crianças que seguram uma faixa com o nome da autora: “Cecília Meireles”, enquanto outras, sentadas, tocam cornetas. Árvores, flores e brinquedos adornam o título da obra, sugerindo uma paisagem colorida e bucólica com crianças em destaque, o que pode nos remeter para uma estética ligada a livros infantis.

Entre as edições comentadas é a única que traz ilustrações junto com o título do capítulo, em folha que antecede o texto. São ilustrações de tamanho médio (cerca de 10 cm), em preto e branco, creditadas na página de rosto da obra a Sir John Tenniel, Arthur B. Frost, Henry Holiday, Harry Furnis e Lewis Carroll. A escolha de todas estas ilustrações remete a diferentes edições de livros de Lewis Carroll.

Segundo Powers (2008), John Tenniel (1820-1914) ilustrou a primeira edição de *Alice no país das Maravilhas* - descartada quase por inteiro, pois o artista reclamou da qualidade da impressão – e *Do outro lado do espelho* (1871) e Henry Holiday (1839-1927) produziu as ilustrações de *A caça do Sank*, em 1876. Não parece ter sido casual a escolha dessas ilustrações ligadas a Lewis Carroll. Talvez ela tenha sido orientada pela preferência declarada de Cecília Meireles pelas obras desse autor.

⁴³ Victor Burton (1956 -), desde 1979, vem se dedicando ao *design* gráfico na área editorial e de produções culturais, destacando-se a longa colaboração com diversas editoras, entre as quais Companhia das Letras, Record, Objetiva, Ediouro e Nova Fronteira. Recebeu também o prêmio Aloísio Magalhães (da Biblioteca Nacional) de Projeto Gráfico em 1995, 1997 e 2001. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02189>. Acesso em: jan. 2015.

Alice no país das maravilhas - é o mesmo título de um dos capítulos de *Problemas da literatura infantil*, que traz o seguinte comentário: “[...] no quadro da Literatura Infantil do século XIX, nenhum caso é tão interessante quanto o de Lewis Carroll (aliás, Charles L. Dogson), o autor de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice no País dos Espelhos*” (MEIRELES, 1951, p. 107).

À medida que vamos nos distanciando da época da primeira edição de *Problemas da literatura infantil*, o projeto editorial, além de (re)apresentar os prefácios (RENAULT, 1951 e ROCHA, 1979) e a Explicação prévia (MEIRELES, 1951) das edições anteriores, inclui textos nas orelhas e na quarta capa do livro. São textos que informam dados biográficos da autora e aspectos temáticos tratados na obra. Uma tentativa de aproximação desta publicação com leitores de outros tempos:

Dedicou anos e anos ao ensino da literatura no Brasil e no exterior e como jornalista que foi responsável pelo debate de assuntos ligados à educação e ao folclore infantil: uma educadora no sentido amplo, uma autoridade no assunto em todos os tempos, uma opinião abalizada, uma entendedora do universo infantil, como a publicação de um belo livro para o curso primário, o 1º Grau da época, *Criança, meu amor*, também publicado pela Nova Fronteira (MEIRELES, 2001, orelha).

A apresentação da obra e da autora, nesses textos, vem revestida de caráter educacional. Trata-se de um livro que “ensina”, informa, educa e forma seus leitores sobre um determinado assunto. Uma escritora que é conhecedora deste assunto e deste papel como educadora, professora e autora de livro escolar. Parece haver um

apagamento da autora como grande poetisa que escreve para adultos e crianças, portadora de um estilo poético, sensível e humano, destacado nas demais edições. Interessa a sua legitimação no campo educacional visando aos leitores do circuito escolar, ainda que a obra não venha compondo uma “Coleção para professores”, como ocorreu nas edições das duas outras editoras.

Os textos, na quarta capa e nas orelhas, de *Problemas da literatura infantil*, da Nova Fronteira (1984), ainda ressaltam que a obra é indispensável a educadores, pais e estudiosos do gênero “[...] que só agora passa a ser encarado com a merecida atenção” (quarta capa, 1984), aludindo, talvez, ao fato de que tal gênero começara a constituir-se em objeto de estudos acadêmicos, em disciplina curricular em cursos de licenciatura, em seções de apresentação, discussão e debates em congressos e seminários. Assim, *Problemas da Literatura infantil* permanece,⁴⁴ dada a importância dos tópicos discutidos, pela lucidez da autora na abordagem de vários aspectos da literatura infantil e por suas contribuições para a constituição do gênero e do campo teórico em que esta obra se insere.

Os projetos editoriais dessas três edições, entre tradição e invenção, assumem aspectos que permitem a identificação do lugar dessa obra nos estudos críticos sobre literatura infantil e a sua distinção e novidade no mercado (CHARTIER, 1990).

A estabilidade de conteúdo e de linguagem (textos da primeira edição) atestam a qualidade e importância da obra na

⁴⁴ Ao que parece, a última edição da obra é de 2004, com várias impressões. Não consegui adquirir nenhum exemplar em livrarias. Em conversa telefônica (jan. 2015) com o departamento editorial da Nova Fronteira fui informada de que Cecília Meireles não faz mais parte do catálogo desta editora e que os exemplares desta obra podem ter sido vendidos em lote, numa espécie de “queima de estoque”.

tradição do gênero, havendo ainda a inclusão de intervenções de ordem tipográfica, que buscam conquistar os leitores, distintos daqueles da primeira edição. São estratégias acionadas para que os leitores possam compartilhar das condições de produção da obra em sua primeira edição, bem como de referências a um repertório comum que permitam o (re)encontro com a obra (FERREIRA, 2009). Representações de leitores que, para usufruir das reflexões trazidas por Cecília Meireles, talvez precisem conhecer um pouco sobre esta autora, distante de seu próprio tempo histórico, ou serem enlaçados por outras obras desta mesma Coleção, ou ainda conduzidos pelas palavras de um novo prefaciador.

O título da obra

Detivemo-nos no título, *Problemas da literatura infantil*, tentando interrogá-lo pelas três palavras que, juntas, são dispostas em uma determinada sequência de apresentação. Começamos pela expressão “literatura infantil”, formada por duas palavras que, academicamente, nas últimas três décadas, vem sendo compreendida como referente a um campo de conhecimento específico, como uma produção cultural recentemente construída e visivelmente em expansão (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988; ZILBERMAN, 1981; MORTATTI, 2000, entre outros).

Mas, que relações podem ser construídas entre “literatura” e “infantil”? De superioridade, de complementação, de oposição, de justaposição?

Mortatti (2000, p. 14), por exemplo, discute esta relação, apoiada na vinculação histórica da literatura infantil com a

organização do aparato escolar no período republicano e propõe um sentido para o gênero:

[...] Em decorrência dessa condição de origem tem-se uma unidade múltipla determinante constitutiva do gênero – simultaneamente didático e literário –, a qual implica reconhecer que os termos “literatura” e “infantil” não se encontram em relação de oposição, mas de complementaridade, embora indiquem hierarquização semântica constitutiva de sua natureza: substantivamente “literatura”, cujo atributo qualificativo é “infantil”.

Guardadas as condições historicamente distintas, podemos dizer que a presença do termo “literatura infantil” no título da obra de Cecília Meireles, vem revestida “simultaneamente do didático e literário” (MORTATTI, 2000) que, enquanto arte humaniza crianças e adultos. Já no primeiro capítulo dessa obra, Cecília Meireles coloca esta dupla função como identificadora do gênero que é constituído de “atributos literários” e lido “com utilidade e prazer” (MEIRELES, 1951, p. 19).

Mas o título da obra traz a (primeira) palavra “problemas”, junto à expressão “literatura infantil”. Que sentidos poderiam ser mobilizados no interior das condições em que a expressão se situa? Quais seriam esses “problemas” ligados à literatura infantil?

Qualquer um dos sentidos dados, por exemplo, no dicionário Aurélio, parece justificar a presença de “problemas” no título. Por parte de quem enfrenta, um problema (da literatura infantil) parece ser “difícil de explicar”, “difícil de resolver”. Por parte de quem o estuda: “dá margem à hesitação ou perplexidade”;

“questão não solvida”, “objeto de discussão”, “proposta duvidosa”, com possíveis “numerosas soluções” (FERREIRA, 1975, p. 1140).

Parece ser essa a percepção de Cecília Meireles diante de um campo do conhecimento⁴⁵ ainda não amplamente discutido, sistematizado, acordado, em meados do século XX. Uma preocupação que parece ser outra, já na década seguinte e nas posteriores, em que os títulos excluem a palavra “problemas”, como por exemplo, os de *Literatura infantil brasileira* (ARROYO, 1968) e *Literatura infantil brasileira - história & histórias* (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988), respectivamente. Uma preocupação de Cecília Meireles que parece “rondar” a época em que a obra é lançada.

Segundo Bertolletti (2012, p. 87), o título da palestra “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, proferida por Lourenço Filho, em 1943, “[...] traz um ‘diagnóstico’ negativo e aponta para uma prescrição: como aperfeiçoar a incipiente produção de literatura infantil brasileira de sua época”⁴⁶. É neste contexto que também interpretamos o título *Problemas da literatura infantil*.

Um título com “diagnóstico negativo”, que parece circular não só em relação à produção que pode ser reconhecida como

⁴⁵ Não estou afirmando que o campo de conhecimento possa ser entendido como algo com fronteiras rígidas, delimitadas de forma a excluir aquilo que não lhe é reconhecível como similar, sem contradições. Pensar a literatura infantil (ou leitura, por exemplo) como campo, significa levar em conta uma produção do conhecimento que se reconhece pelo acúmulo de reflexões que se voltam a um mesmo tema, um mesmo objeto de estudo, porém numa configuração porosa, fluida, multifacetada, complexa. “Um campo se configura enquanto tal por aproximações teórico-metodológicas, pela ênfase em alguns aspectos e pelas marcas discursivas em comum” (FERREIRA; SILVA, 2011, p. 135). [...] um campo de conhecimento que é também um desafio de natureza escriturística, de registro e interpretação (FERREIRA; SILVA, 2011, p. 136).

⁴⁶ Bertolletti (2012) informa ainda que a ampla pesquisa sobre literatura infantil realizado por Elvira Nizinska da Silva, entre 1934 a 1936, foi publicada em *O Jornal*, em 05 de abril de 1936, com o título “Problemas da literatura infantil”.

literatura infantil, mas também em relação à escola, à educação, à formação dos professores, à infância, à sociedade em geral, como lemos, por exemplo, nos dois documentos elaborados pelos “Pioneiros da Escola Nova” (AZEVEDO, 1932; 1959). Guardadas as circunstâncias diversas em que esses dois documentos foram produzidos, em ambos há uma preocupação com os problemas nacionais. Entre eles, o que mais sobressai em importância e gravidade é o da educação pública no nosso país: um sistema escolar fragmentado e desarticulado, reformas parciais e frequentemente arbitrárias, entre outros (AZEVEDO, 1932, p. 33).

Uma visão “negativa” em relação a uma situação que tem problemas que precisam ser conhecidos, diagnosticados (através de inquéritos, sondagens) e que devem ser enfrentados com uma nova visão, uma nova concepção de educação, de escola, de criança etc. - como pensam os integrantes do círculo de intelectuais por onde Cecília Meireles transitou, atuou e do qual participava. Uma situação que poderia ser mudada e transformada com o esclarecimento e o envolvimento de todos.

São *problemas*, no plural, ligados à literatura infantil. Assim Renault (1951) se refere à produção dos livros, naquele período:

Tal processo de adulteração [da literatura infantil] assume, entre outros, êstes aspectos distintos e independentes, que, em casos extremos e para tornar-se geral a desgraça, costumam fazer-se muito boa companhia: temas deseducativos; linguagem inadequada; texto inseparável da ilustração [...] (RENAULT, 1951, p. 12).

São muitos problemas na Literatura Infantil⁴⁷ à espera de “numerosas soluções”, o que leva Cecília Meireles a advertir, em sua “Explicação Prévia”: “Não se pretendeu aqui dar aqui solução aos inúmeros problemas da Literatura infantil. Pretendeu-se apenas insistir sobre a sua importância e alguns de seus variados aspectos” (MEIRELES, 1951, p. 21).

Que importância tem a literatura infantil, em meados dos anos 1950, na perspectiva de Cecília Meireles? Que aspectos da Literatura Infantil apresenta esta autora, como educadora que era, a outros educadores?

Problemas da literatura infantil⁴⁸

O conjunto dos títulos indicando os capítulos⁴⁹ deste livro sugere a diversidade e a quantidade de assuntos (“problemas”) sobre os quais Cecília Meireles discorre, com propriedade e didatismo.

⁴⁷ O volume da produção e sua má qualidade são problemas reiterados, em tom de crítica, por Cecília Meireles. No entanto, sua posição é sempre generalizada, sem qualquer referência mais direta a obras ou autor brasileiros. Uma tentativa de não avaliação dos colegas? Uma postura coerente porque, segundo esta autora, os livros lidos pelas crianças só posteriormente poderão ser considerados “literatura”, quando eternizados por elas?

⁴⁸ De uma certa maneira, as concepções sobre literatura infantil e alguns dos aspectos abordados por Cecília Meireles nesta obra, já foram estudados por outros pesquisadores, como Vieira (2013), Sena (2010), Lôbo (2010), entre outros. Faço-o agora tentando ser breve e pouco redundante em relação aos trabalhos já realizados.

⁴⁹ São esses os títulos: “Literatura Geral e Infantil”; “O livro Infantil”; “O livro que a criança prefere”; “Panorama da Literatura Infantil”; “Da literatura oral à escrita”; “Antes do livro infantil”; “O exemplo moral”; “Algumas experiências”; “Permanência da literatura oral”; “Aspectos da literatura infantil”; “O livro infantil e não infantil”; “Alice no País das Maravilhas”; “Outros livros”; “Como fazer um bom livro infantil”; “Influência das primeiras leituras”; “Mas os tempos mudam”; “Onde está o herói?”; “Bibliotecas infantis”; “Crise da Literatura infantil”.

Chama nossa atenção o modo como a autora lança mão de alguns recursos discursivos, ao longo dos capítulos, para conseguir a adesão de seus leitores/ouvintes em torno de suas ideias e convicções.

Ela realiza, por exemplo, belíssimas análises literárias das obras que apresenta, como é o caso de *Alice no País das maravilhas*, de Lewis Carroll (MEIRELES, 1951, p. 105-112), considerado por ela um livro de “poesia largamente derramada nessas páginas” (MEIRELES, 1951, p. 109). Nessa análise, inclusive, a autora cria uma espécie de “metalinguagem”, interpretando a produção da obra por Carroll como “realização” de suas concepções sobre o gênero “literatura infantil”: 1. a literatura infantil é inicialmente nutrida pela tradição oral; 2. qualquer produção do adulto para que possa ser considerada literatura infantil, deve incorporar a opinião do leitor (criança). Assim, ela ressalta que *Alice no país das maravilhas* é inicialmente uma história contada diretamente a três meninas. Oral antes de escrita, a obra pode ter acatado a colaboração das ouvintes, que nesse caso participaram com gestos, olhares e comentários sobre o enredo que aprovaram no final.

Um outro recurso que a autora lança mão é o de trazer inúmeros exemplos - que se relacionam com as primeiras leituras de leitores que, segundo ela “[...] chegam ao nosso conhecimento apenas porque se trata de pessoas que alcançaram a celebridade e, mormente quando são escritores que, no relato de sua vida, aludem a essas primeiras emoções” (MEIRELES, 1951, p. 129). Exemplificando a importância, a influência e a força que teve a leitura de determinadas obras, em suas infâncias, ela cita, por exemplo, o de Gorki, que tem a imagem de sua avó, a contar histórias fantásticas de bons salteadores, de santos, de animais e

forças ruins, de marinheiros barbudos, de boa gente, e a dramatizá-las com mudanças na fisionomia e voz e com gestos. Ou o de Goethe, que teve como primeiros livros as *Metamorfoses* de Ovídio, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, e *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe. Ou ainda de Jean-Jacques Rousseau, que entre outros relata a forte impressão que teve com a leitura do mesmo *Robinson Crusóé*.

Deste modo, Cecília Meireles apresenta, defende, exemplifica suas concepções sobre Literatura Infantil, de modo a delinear as características que compõem o gênero. Suas ideias vão e voltam entre os capítulos e ecoam de suas crônicas, publicadas nos jornais, nas palestras proferidas no nosso país e no exterior. São palavras ditas que se fixam na escrita; é o escrito que regressa à oralidade (CHARTIER, 1990, p. 135).

São modos de lidar com a educação e a literatura infantil, provavelmente discutidos e compartilhados com os colegas com quem trabalhou, nos programas de governo, na Comissão Nacional de Literatura Infantil (criada em 1936), na Comissão Nacional do Folclore (desde 1948), na sala de aula, como professora etc. Circulações fluidas, práticas partilhadas (CHARTIER, 1990) que atravessam os horizontes pessoais, profissionais, sociais e os tempos históricos. São palavras de sua época e das que a antecedem e sucedem, numa cadeia de contrapalavras, de (re) afirmações, de negações, complementações, de reincidências: ecos e ressonâncias no discurso (BAKHTIN, 2004) em torno da literatura infantil.

A Literatura Infantil

Não pretendemos esgotar os múltiplos aspectos abordados nestes capítulos de *Problemas da Literatura Infantil*, que (re) aparecem, de certa forma, na história escrita sobre a consolidação da literatura infantil em nosso país. Não há espaço para isto. É preciso priorizar e selecionar, entre tantas, algumas noções trazidas por ela e que parecem ecoar na tradição dos estudos sobre o processo de constituição do gênero “Literatura Infantil”.

Assim, Cecília Meireles abre o livro, colocando as seguintes questões: Existe uma literatura infantil? Como caracterizá-la? Ela faz parte da Literatura Geral?

Segundo a autora, a Literatura Geral “[...] precede o alfabeto” (MEIRELES, 1951, p. 25). É a palavra memorizada, pronunciada por diferentes gerações, sendo a escrita registro do acervo cultural constituído distintamente pelos homens, em diferentes épocas, como também concordam Carvalho (1985) e Coelho (1981), décadas mais tarde. A Literatura é aquela que satisfaz a ínfima sede de conhecimento, que transmite a experiência vivida, que encerra as noções de mundo e seus problemas.

E, segundo Cecília Meireles (1951, p. 27), “tudo é uma Literatura só”, porque a Infantil “é antes de mais nada, uma obra literária” (MEIRELES, 1951, p.125), opinião compartilhada trinta anos mais tarde por autores como Zilberman (1981); Perrotti (1986); Lajolo (1993), entre outros.

Uma literatura que apesar de, no interior de sua produção, ser dirigida à criança, “[...] é de invenção e intenção do adulto” (MEIRELES, 1951, p. 35). No entanto, tal produção não se define

apenas pela visão que o adulto tem do estilo e da linguagem, à altura da compreensão e do gosto infantil, nem tampouco do conteúdo que corresponda a fatos, ensinamentos e pontos de vista úteis. Produzida pelo adulto, ela não tem como finalidade ensinar a criança a ler nem a executar exercícios de linguagem, e nem tampouco transmitir conteúdos de disciplinas escolares.

Produzida pelo adulto, a Literatura Infantil que é arte permite o encontro da criança, com o “[...] mistério que a criatura humana, desde o nascimento, pressente consigo, e conserva num zeloso silêncio. Depois é que a vida embrutece. [...]” (MEIRELES, 1951, p. 115). Assim, a Literatura e seu pequeno leitor têm em comum sensibilidade e poesia.

Nesse sentido, os leitores sensíveis e poéticos são capazes de escolher as obras de seu agrado: “[...] as que vão perdurar para sempre; que vão se incorporar àquele tesouro que vem de longe” (MEIRELES, 1951, p. 42). Leitores que definiriam “a posteriori” a Literatura Infantil pelas práticas que ela incita, pelos usos que esse leitor faz dela:

[...] em lugar de classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – [...], da criança, que afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ele satisfaz ou não” (MEIRELES, 1951, p. 36).

Alia-se, assim, a concepção de literatura infantil, no polo da produção (que é da arte) ao leitor a quem ela se destina, no polo da

recepção, no campo das práticas: uma leitura desinteressada e cativante de um livro o eternizará na memória da criança.

Uma prática despreziosa, de deleite, de absorção total do leitor com o livro, o que não significa classificar a Literatura Infantil “[...] como tantos supõem ser um passatempo. É uma nutrição” (MEIRELES, 1951, p. 38). Uma visão que se contrapõe a um discurso que, nas últimas décadas, foi construído em torno da leitura em situações fáceis e imediatas, como prazer e divertimento. Uma visão que se aproxima da daqueles pesquisadores que assumem a leitura da literatura infantil como algo que nos alimenta (a alma), nos fortalece e nos constitui⁵⁰.

É fácil ver ecos dessas ideias levantadas por Cecília Meireles em autores contemporâneos e pesquisadores como Lajolo e Zilberman, Zilberman (1982)⁵¹, Perrotti (1986) Abramovich (1989, Britto (2008)⁵², para citar apenas alguns que a sucederam.

⁵⁰ [...] Ana Maria Machado, por exemplo, em palestra proferida no “Seminário Prazer em ler de Promoção da Leitura”, em 2007, em SP, levanta vários equívocos no debate ligado aos projetos políticos em torno da literatura e leitura, colocando entre eles, a falta de discernimento que submete a literatura a uma diluição assombrosa, até que a leitura de bons textos e a literatura em si sejam vistas como um resquício do passado, um bagaço sem substância, ou apenas uma coisa turva, rala e aguada, totalmente dispensável porque não nos faz falta e não acrescenta nada à vida das pessoas” (MACHADO, 2008, p. 57). E, discutindo o equívoco sobre a prática da leitura como prazer, ela termina sua fala: “Aquele prazer que alimenta uma vida, para sempre, ninguém tira nunca, e pode ser evocado quando ela está terminando. Prazer que deita raízes e dura, que se revive e não se acaba” (MACHADO, 2008, p. 66).

⁵¹ Em “O legado da literatura”, ainda que não se referindo diretamente à infantil, Zilberman coloca que há um modo de fazer literatura (*poiesis*), hoje engolido “[...] pela sociedade de consumo, que transforma a criação em produto, a fala em texto, o oral em escrito, a expressão em livro, a gratuidade em lucro” (ZILBERMAN, 2009, p. 127), abafando “o desejo de narrar, que dilata, sem vantagens, mas também sem prejuízos, as potencialidades da imaginação e da fantasia, as mesmas que buscam seus ouvintes cativos. [...] o legado [...] que nutre e vigora a literatura desde seu berço” (ZILBERMAN, 2009, p. 128).

⁵² Trata-se, portanto, de assumir uma pedagogia da leitura – em particular, da leitura literária [...] – que supõe uma diferenciação radical entre viver a experiência estética e o entretenimento, entre viver a estética artística e o prazer, entre viver a experiência estética e a evasão” (BRITO, 2003, p. 113).

Preocupações que, como sabemos, marcam uma tradição no debate e constituição do gênero.

Também Cecília Meireles pode ser lembrada pela sua proposição na composição do acervo literário – que é clássico e universal – ideal para as crianças. Livros que marcam intensamente o pequeno leitor, pela força das emoções, pelas lembranças de encantamento, pelas “repercussões práticas como a escolha de vocações, rumos de vida, determinações futuras” (MEIRELES, 1951, p.130), livros capazes de satisfazer a inquietação humana. Livros em que os personagens e cenas misturam-se com o cotidiano: “[...] brincava-se de Robinson como hoje se brinca de bandido. O papagaio e o guarda sol de Robinson eram tão atraentes como as pistolas atuais” (MEIRELES, 1951, p. 94), e livros que dão aos pequenos leitores “[...] a superioridade de uma inegável poesia e de um evidente bom gosto” (MEIRELES, 1951, p. 94).

Livros e autores que podem influenciar negativamente porque eles também são responsáveis por ocasionar “muitos desastres humanos” (MEIRELES, 1951, p. 130). Uma visão a respeito do poder dos livros, que como sabemos pode ser facilmente reconhecida na tradição do discurso da leitura, nas propagandas de incentivo ao ato de ler, conforme alerta Britto (2003).

Daí o perigo representado por alguns livros: “[...] que livros daremos às crianças deste século?” (MEIRELES, 1951, p. 137). Que livros daremos para esses leitores, que se sensíveis e poéticos, são também indefesos e inocentes? São leitores que vivem:

[...] um mundo do conforto e velocidade, onde a felicidade é material e o eterno substituído pelo imediato, onde os Heróis

sairam das páginas do livro e estão estampados nas páginas dos jornais: opulentos e vaidosos, atrevidos ao invés de corajosos, espertos a inteligentes, hábeis em vez de sábios. Um herói que se torna bandido feliz, de pistolas invencíveis; aventureiro sem escrúpulos, saltador de todos os bancos, contrabandista de todos assuntos, ladrão elegante e assassino por esporte (MEIRELES, 1951, p. 142).

Mas é preciso, segundo Cecília Meireles (1951), insistir na função da Literatura Infantil, principalmente em tempos difíceis. Uma literatura que tem finalidade educativa, porque originalmente criada para salvar os homens pelo exemplo moral e para o fortalecimento da alma.⁵³ Ao longo dos tempos, se acrescentou a ela o valor estético que permite uma “comunicação humana”, uma “comunhão de histórias”, que é relato de uma mesma experiência, em uma linguagem comum que constitui o humanismo (MEIRELES, 1951, p. 79).

Assim, reunindo o que aparentemente é separado - “Literatura e Educação” -, Cecília Meireles defende uma Literatura Infantil – de tradição oral e constituída de obras clássicas - como arte que educa e humaniza a criança, a qual um dia terá de atuar para a construção de um mundo melhor e mais fraterno, em outras condições:

⁵³ Não podemos nos esquecer que Cecília nasceu no início do século XX e, portanto, presenciou duas Guerras Mundiais, além de ter vivido a ditadura imposta por Getúlio Vargas (1930-1945). Getúlio foi responsável pelo fechamento do Centro de Cultura Infantil do Pavilhão Mourisco, criado e coordenado por ela, sob a acusação de oferecer literaturas comunistas para a infância e de criar insegurança por parte dela quanto ao seu emprego como professora na Universidade do Rio de Janeiro. A defesa da escritora por uma literatura humanista em “tempos de outono” pode ser compreendida também (não somente) neste ambiente pós-guerras e de ditaduras que assolaram o século XX pelo mundo.

[...] sem lhe roubar esse alimento indispensável das obras eternas, lhe assegure uma flexibilidade de espírito para compreender as situações que terá de enfrentar dia-a-dia, no futuro, e entre as quais deverá acomodar harmoniosamente sua vida. Poder-se-ia sugerir uma literatura de base universal, utilizada por todas as crianças do mundo? (MEIRELES, 1951, p.153).

Nesta direção, Cecília Meireles concebe a educação e a leitura da literatura infantil como transformadoras do mundo, dos homens e das relações, em tempos “de outono em que as aspirações não amadurecem” (MEIRELES, 1951, p. 22).

Você, leitor, reconhece essas aspirações na educação?

Na literatura?

A obra *Problemas da literatura infantil*, de Cecília Meireles, assume importância na construção e consolidação do gênero “literatura infantil” pela nomeação atribuída a tal gênero, pelo reconhecimento dos conceitos e práticas que o constituem, pela distinção demarcada entre este e outros gêneros voltados para a produção destinada às crianças, ainda não diferenciados naquele momento.

Esta obra traz marcas polêmicas e contraditórias que acompanham este gênero: lugar legitimado de produção criativa e crítica; relação educação e literatura; imbricação entre escola e infância na formação do adulto de amanhã; responsabilidade pela escolha do livro a ser lido pela criança; formação dos leitores pela leitura dos clássicos ou autores contemporâneos.

Entre as práticas de leitura - cujos exemplos analíticos trazidos ao longo do livro não são para inquirir personagens e temáticas, ou para propor exercícios de ensino da língua, de conhecimento do conteúdo das disciplinas escolares, ou, ainda, para identificar a “moral da história” – a autora propõe ler por deleite, ler gostosamente; ler para se apropriar de um modo de ver, sentir e respeitar os outros; ler para posse de uma formação estética e humanística.

Entre as representações atribuídas ao livro e à leitura por Cecília Meireles, sobressai a do poder de transformação e de humanização dos leitores. Sobressai ainda a importância da leitura dos livros escritos por (bons) autores que recriam as qualidades de formação humana, “[...] deixando sempre uma determinada margem para o mistério, para o que a infância descobre pela genialidade da sua intuição” (MEIRELES, 1979, p. 29) e que “[...] lêem com agrado” (MEIRELES, 1979, p. 77).

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil. Gostosas e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989. (Col. Pensamento e Ação no Magistério).

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaios de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

AZEVEDO, Fernando de. *et al. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959)*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BERTOLETTI, Estela N. M. *Lourenço Filho e a literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BRITTO, Luiz Percival. *Contra o consenso: escrita, educação e participação*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

BRITTO, Luiz Percival. *Literatura, conhecimento e liberdade*. In: BRITTO, Luiz Percival. *Nos caminhos da literatura*. Instituto C&A, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, São Paulo: Petrópolis, 2008, p. 95-101.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural*. Entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, Nely Novaes. *A Literatura Infantil, história, teoria e análise*. São Paulo: Quiron, Brasília, INL, 1981.

COELHO, Nely Novaes. *Dicionário crítico sobre literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Quiron, Brasília, INL, 1983.

CUNHA, Maria Antonieta. *Literatura Infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1986.

DAIBELLO, Cláudia. *A obra de Ruth Rocha: as ideias por trás das letras*. 2013.175f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

FERREIRA, Aurélio. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. 5. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Um estudo das edições de *Ou Isto ou Aquilo de Cecília Meireles. Pro-Posições*, Campinas, vol. 20, n. 2 (59), p. 185 - 204, maio/ago. 2009.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SILVA, Lilian Lopes Martins. Contribuições para história da leitura no Brasil: elementos de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. *In*: MORTATTI, Maria do Rosario L. (Org.). *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 142-161.

GEBRIM, Virgínia S. A difusão dos saberes e práticas escolares na Pedagogia Nova: o livro como dispositivo estratégico. *Revista Educativa*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 85-95, jan./jun. 2007.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática. 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: histórias & histórias*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

LÔBO, Yolanda. Verbete: Cecília Benevides de Carvalho Meireles. *In*: FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque; BRITTO, Jader de M. (Org.). *Dicionário dos educadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC- INEP, Comped, 2002, p. 242- 246.

LÔBO, Yolanda . *Cecilia Meireles*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010 (Coleção Educadores).

MACHADO, Ana Maria. Alguns equívocos sobre leitura. *In: FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. INSTITUTO C&A. Nos caminhos da literatura*. São Paulo: Petrópolis: Instituto C&A, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 2008. p. 46-67.

MAZIERO, Maria das Dores S. *Literatura Infantil na Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (Abril/1902 a Fevereiro/1904)*. Anais do IV SIMELP: Universidade Federal de Goiânia, jul. 2013.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1951.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1979.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed., 5. impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984 [2001].

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas/Porto Alegre: Associação de Leitura do Brasil, Mercado Aberto, vol. 19, n. 36, p. 11-17, dez. 2000.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. Prefácio. *In: OLIVEIRA, Fernando Rodrigues. de. Bárbara Vasconcelos de Carvalho e o ensino da literatura infantil no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

- OLIVEIRA, Fernando Rodrigues. de. *Bárbara Vasconcelos de Carvalho e o ensino da literatura infantil no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp. 2013.
- PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.
- POWERS, Alan. *Era uma vez uma capa. História ilustrada da Literatura Infantil*. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Cosac Naif, 2008.
- PIMENTA, Jussara S. *Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem. Cecília Meireles e a criação da biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)*. 2001. 243 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - PUC – RJ, Rio de Janeiro, 2001.
- RENAULT, Abgar. Prefácio da Primeira edição. In: MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1951, p. 9-15.
- ROCHA, Ruth. Prefácio. In: MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1979, p. 9-10.
- SENA, Yara. *Uma leitura do relatório do Inquérito “Leituras Infantis”, de Cecília Meireles*. 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- VASCONCELOS, Bárbara de Carvalho. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 4ª ed. São Paulo: Global, 1985.

VIEIRA, Ana Paula leite. *Cecília Meireles e a educação da infância pelo folclore*. 2013. 182 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2013.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1981.

ZILBERMAN, R. O legado da literatura. In: SANTOS, F.; MARQUES NETO, J. C.; RÓISING, T. M. K (org.) *Mediação da leitura – Discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

Sites

<http://www.galeriavirgilio.com.br/artistas/ederdyk.curriculum>.
Acesso em: jan. 2015.

<http://www.companhia.das.letras.com.br/autor.php?codigo=02189>.
Acesso em: 05 jan. 2015.

